



## Dois Olhares Sobre Chávez<sup>1</sup>

Ceres PASSOS<sup>2</sup>

Lara CARVALHO<sup>3</sup>

Rodolfo RIBEIRO<sup>4</sup>

Paulo Fernando de Carvalho LOPES<sup>5</sup>

Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a abordagem que as revistas *Veja* e *Época* deram ao presidente da Venezuela Hugo Chávez no período de 29 de outubro a 07 de novembro de 2007 (data de publicação das edições). Valendo-se dos fundamentos da análise de discurso, esta análise procura encontrar as marcas enunciativas presentes nos textos através da heterogeneidade enunciativa como estratégia de convencimento do leitor.

### PALAVRAS-CHAVE:

Revistas, análise de discurso, heterogeneidade enunciativa

### INTRODUÇÃO:

Um sujeito, a partir de um ato de linguagem, somente pode definir-se em relação ao outro segundo um princípio de alteridade, pressupondo que sem a existência do outro não há consciência de si. A partir dessa relação, o sujeito traz o outro para si a fim de que este pense, diga ou aja segundo a intenção daquele, constituindo assim, o princípio de influência. No entanto, se o outro tem seu próprio projeto de influência, os dois são levados a gerenciar sua relação segundo um princípio de regulação. Princípios de alteridade, de influência e de regulação são fundadores do ato de linguagem que os inscrevem em um quadro de ação. (CHARAUDEAU, 2006). Charaudeau divide a ação política em duas instâncias: instância política e instância cidadã. A instância política assume a realização da ação política, enquanto que a instância cidadã está na origem da escolha dos representantes.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão Jornalismo e Editoração, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social da UFPI, email: cerespasos@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social da UFPI, email: lara.cipriano@hotmail.com

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social da UFPI, email: rodolfosilvaribeiro@gmail.com

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Comunicação Social da UFPI, email: pafecalo@ufpi.br



Habermas (1990) afirma que a instância política encontra-se entre “dois processos contrários: a produção comunicativa de um poder legítimo [...] e a constituição dessa legitimação pelo sistema político”. A instância política está ameaçada pela sanção física (golpe de Estado), institucional (derrubada do governo) ou simbólica (descrédito).

Hugo Chávez vale-se da ação política para consolidar sua posição em relação aos Venezuelanos. Tenente-coronel reformado do Exército, professor e mestre em ciência política, foi eleito em 1998 com votação esmagadora. Chávez dizia estar tirando o país de "uma tumba podre" e promovendo sua "ressurreição". Seu objetivo era acabar com a corrupção, abandonar um modelo que ele chama de "neoliberal selvagem", resgatar as instituições e reorientar o papel do Estado. Reeleito em julho de 2000, com 59% dos votos, teve que mudar a Constituição para que a eleição ocorresse.

Seu mandato, que terminaria em 2007, foi prorrogado por mais 5 anos depois de um controverso plebiscito. Sua trajetória política é marcada ainda por duas frustradas tentativas de golpe de Estado. A primeira, em 1992, foi protagonizada por ele para derrubar o governo de Carlos Andrés Pérez, visto como liberal. Chávez foi preso e anistiado dois anos depois. Em 2002, já na presidência, Chávez sofreu uma tentativa de golpe da oposição, que o afastou do cargo por algumas horas.

## **METODOLOGIA:**

Para análise das revistas *Veja* e *Época*, os conceitos presentes na análise de discurso são: enunciado, enunciação, discurso e heterogeneidade enunciativa. Segundo Verón, (1983), “o enunciado, de uma forma aproximativa, é da ordem do “conteúdo”<sup>6</sup>; a enunciação concerne não ao que é dito, mas ao dizer e suas modalidades, as maneiras de dizer”.

Já o discurso é um objeto de conhecimento construído a partir de produtos culturais empíricos. Não se trata apenas da análise de textos verbais, orais ou escritos, pois envolve outras semióticas. O discurso (e qualquer outro conceito da prática discursiva) é visto como sendo simultaneamente: um texto lingüístico, oral ou escrito; prática discursiva (produção e interpretação de texto) e prática sócio-cultural.

A heterogeneidade enunciativa manifesta-se num texto em dois planos distintos:

---

<sup>6</sup> De uma forma aproximativa, pois o par: enunciação/enunciado, não coincide com o par forma/conteúdo.



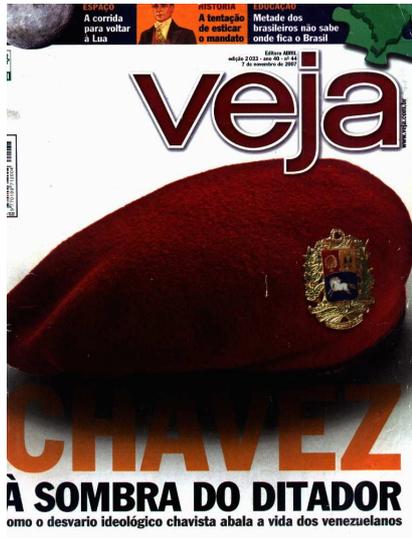
a) Como polifonia (Bakhtin, Ducrot) ou heterogeneidade mostrada (Authier), caracterizada pela manifestação explícita e localizável pelo analista, de uma multiplicidade de vozes (Bakhtin), citadas pelo autor empírico do texto, tendo em vista a realização de seus interesses comunicacionais;

b) E como plural do texto (Barthes) ou heterogeneidade constitutiva (Authier), constituída pelo entrelaçamento de uma pluralidade de citações emigradas de outros textos pré-existentes, segundo restrições histórico-culturais sobre as quais o autor empírico do texto não tem controle racional.

A partir dos conceitos supracitados, faremos a análise do corpus escolhido: as revistas *Época* (edição 493, de 29 de outubro de 2007) e *Veja* (edição 2033, de 7 de novembro de 2007), e suas matérias que trazem como protagonista o presidente venezuelano Hugo Chávez - chamadas respectivamente: “O Brasil deve ter medo dele?” (páginas 39 a 44) e “À sombra de ‘El Supremo’” (páginas 86 a 100). Como podemos observar, ambas as matérias foram publicadas num intervalo de uma semana.

## **VEJA**

A revista *Veja* analisada em 7 de novembro de 2007 traz a ilustração de Chávez usando um chapéu militar produzindo uma sombra sobre o seu nome, com o título “À sombra do ditador”. Na matéria intitulada de “À sombra de ‘El Supremo’”, a foto de Chávez propõe a imagem de um político populista. Além disso, nas páginas (86 e 87), há uma tabela sobre a constituição proposta pelo presidente, e faz uma interpretação sobre algumas partes. Na transcrição dos artigos 16, 115 e 337 existem reticências, o que deixa o leitor sem saber o que eles dizem por completo e mostra assim, como Chávez usa a lei para instaurar uma espécie de ditadura.

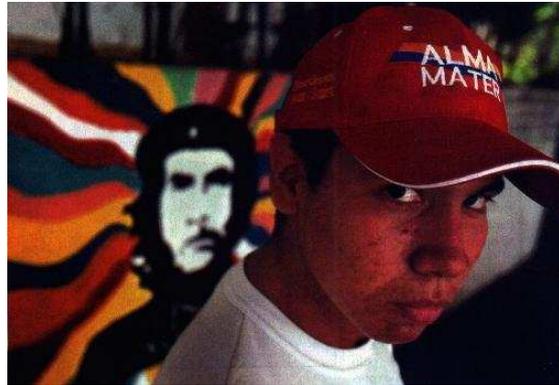
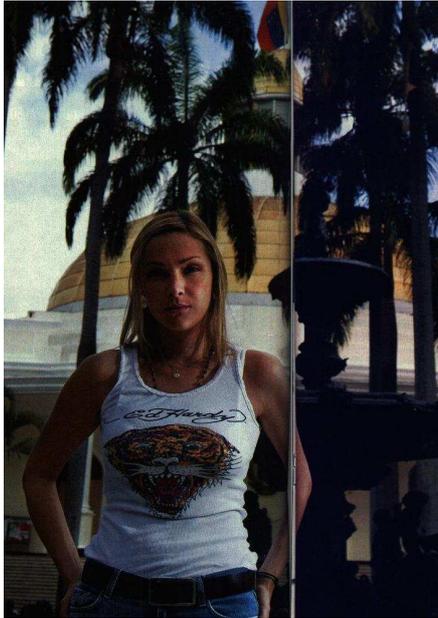


### A DITADURA EM FORMA DE LEI

A nova Constituição oficializa a concentração de poderes na mão de Chávez e concede-lhe reeleição vitalícia, valendo-se de expressões dúbias que se prestam à interpretação que melhor convém ao presidente, como "construção do socialismo".

O QUE DIZ A NOVA CONSTITUIÇÃO	O QUE ISSO SIGNIFICA
<b>Art. 11</b> O presidente da República poderá decretar Regiões Especiais Militares com fins estratégicos ou de defesa, em qualquer parte do território.	O país pode ser fragmentado com o objetivo de subordinar governadores e prefeitos à autoridade de um militar nomeado por Chávez.
<b>Art. 16</b> A partir da comunidade ou comuna, o Poder Popular desenvolverá formas de agregação comunitária político-territorial (...). As comunas e os autogovernos comunitais serão criados pelo presidente.	Um poder paralelo aos governos eleitos, como prefeituras, será controlado diretamente pelo presidente.
<b>Art. 115</b> Por motivos de utilidade pública ou interesse social, (...) poderá ser declarada a expropriação de qualquer classe de bens.	A Constituição cria oito tipos de propriedade. O proprietário privado não pode recorrer à Justiça contra a expropriação.
<b>Art. 153</b> Criação de um espaço geopolítico dentro do qual os povos e os governos de nossa América possam construir um só projeto supranacional, a que Simón Bolívar chamou uma Nação de Repúblicas.	Chávez atribui-se o dever de interferir na política interna de países vizinhos.
<b>Art. 230</b> O período presidencial é de sete anos. O presidente ou a presidenta da República pode ser reeleito ou reeleita de imediato para um novo período.	O mecanismo permite a Chávez perpetuar-se no poder por meio de reeleições sucessivas.
<b>Art. 318</b> O Executivo Nacional e o Banco Central da Venezuela, em estrita e obrigatória coordenação, fixarão as políticas monetárias.	O Banco Central perde sua autonomia e passa a obedecer à vontade do presidente.
<b>Art. 337</b> O presidente (...) poderá decretar o estado de exceção (...).	Não há restrição ao direito de Chávez de decretar, pelo tempo que quiser, o estado de exceção, com suspensão de direitos individuais e de imprensa.

A revista retrata perfis de venezuelanos que, de um modo ou de outro, foram atingidos pelas mudanças propostas por Hugo Chávez. O primeiro deles é o de uma atriz que foi demitida de uma empresa de televisão devido à participação de um movimento de protesto contra a reforma constitucional. Na foto da página 88, a atriz aparece no pátio da Assembléia Nacional com um semblante sério, de revolta, com a bandeira da Venezuela ao fundo, mostrando a indignação do povo com todas as mudanças propostas por Chávez.



Outro perfil mostrado é o de um estudante de direito de uma universidade pública da Venezuela, que tem sua opinião favorável a Chávez, mas que a revista utiliza como um fator negativo. Prova disso é a foto da página 89, na qual Erick Morales aparece com a expressão de desconfiança e ao fundo a foto de Che, confirmando o título para o perfil de Erick, “Os servos fiéis da revolução”. Entre os outros perfis, temos o de um empresário que foi expulso de sua própria empresa por ter apoiado a greve geral em 2002, o de uma estudante que é punida devido ao fato de seu pai ter participado de uma greve e se exilado nos Estados Unidos; o de um empresário que, por ser amigo de Chávez, seus negócios são bem sucedidos.



Todas essas histórias deixam a entender que essa reforma proposta não trará benefícios nem mesmo às pessoas que são a favor de Chávez, e ainda deixa a idéia da iminência de uma ditadura ao compará-lo, na tabela das páginas 90 e 91, a Adolf Hitler e Benito Mussolini, afirmando que os três aproveitaram-se de mecanismos democráticos para destruir as liberdades.



Quanto aos conceitos estudados e supracitados, estes são encontrados ao longo de toda a matéria. Logo no início do texto, o autor faz uso do dialogismo para comparar Chávez e um personagem de um livro, fazendo analogia a este.

“O estilo centralizador, a intolerância em relação a opiniões divergentes e, sobretudo, o modo como tenta transformar as instituições públicas em um apêndice da sua vontade e idiosincrasias parecem saídos das páginas de *Eu O Supremo*, a obra magistral do paraguaio Augusto Roa Bastos. O personagem do título é José Gaspar Rodríguez de Francia, ‘ditador perpétuo’ do Paraguai no século XIX e protótipo do perfeito déspota sul-americano.”

As heterogeneidades, tanto a mostrada, quanto a constitutiva, também são recursos do autor empírico do texto para defender sua idéia. A primeira é constituída de uma voz explícita, facilmente encontrada, como no trecho a seguir:

“Os mesmos cidadãos que se identificam com Chávez discordam dos ataques do presidente à Propriedade



privada, não gostam da militarização do país e sentem calafrios só de pensar em ver a Venezuela repetir a experiência cubana, diz o sociólogo Amalio Belmonte”.

Já a heterogeneidade constitutiva é caracterizada por um entrelaçado de citações vindas de textos pré-existentes, como é observado ao longo do texto de Veja:

“Uma pesquisa de opinião pública feita pela Universidade Central da Venezuela (UCV), em Caracas, mostra uma realidade mais crua. A identificação com Chávez de grande parcela dos venezuelanos, sobretudo os mais pobres, é pessoal e destacada em sua retórica ideológica.”

Outro recurso é perguntar ao leitor sobre determinado assunto e logo em seguida responder-lhe, como se previsse suas possíveis respostas, privando-o assim de tirar suas próprias conclusões. No exemplo acima citado, o autor faz a seguinte pergunta ao interlocutor: “Quem Chávez pretende enfrentar com esse arsenal?”, e logo em seguida se utiliza de um discurso autorizado, o que está presente ao longo de todo o texto, para enfatizar sua opinião e tirar do leitor a ação de pensar sobre o que foi questionado.

““Na verdade, a Venezuela não tem um verdadeiro inimigo externo do qual se defender’, diz o especialista Fernando Sampaio, professor da Escola Superior de Geopolítica e Estratégia, em Porto Alegre. ‘Portanto, o mais provável é que Chávez esteja se armando para se proteger de seu próprio povo, no dia em que os venezuelanos se cansarem dele. ’”

Além disso, o texto está permeado de expressões que se referem a Hugo Chávez e traduzem o posicionamento de Veja sobre essa situação. Entre elas, destaca-se: “déspota sul-americano”, “ditador”, “prepotente”, “coronel” e “pai da pátria”. A interpretação de dados dentro do texto é outra forma que a revista encontra pra ressaltar seu ponto de vista, como no trecho seguinte:

“(...) uma decorrência direta do congelamento de preços instituído pelo governo numa tentativa tosca de conter a inflação, que deve fechar o ano em 20%, a maior da região. (...) O racionamento de alimentos é um dos primeiros sinais daquilo que os venezuelanos mais temem: a transformação da Venezuela em uma nova Cuba.”

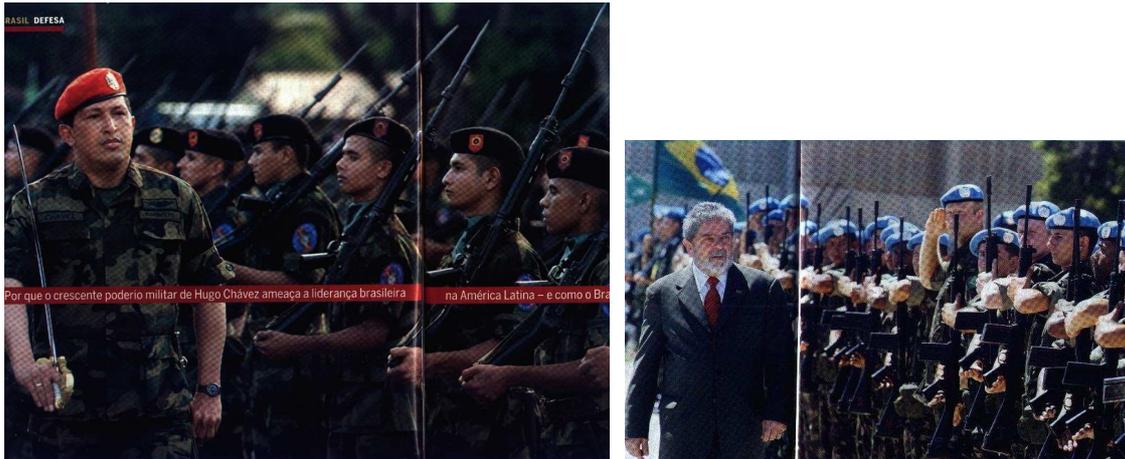
Todos os usos dos conceitos de dialogismo, heterogeneidade mostrada e constitutiva, interpretação, questionamentos e expressões aparecem em *Veja* para convencer o leitor de que a reforma que Hugo Chávez tentou implantar na Venezuela não passa de uma tentativa de se perpetuar no poder e “reinar” como O Supremo no país.

## ÉPOCA

A revista *Época*, edição de 29 de outubro de 2007, número 493, apresenta na capa foto de Hugo Chávez com aspecto de pintura a óleo; sobre o fundo, o mapa da América Latina (envelhecido) à direita, e à esquerda uma sombra. A chamada de capa “O Brasil deve ter medo dele?” repete-se no interior da revista. Ainda na capa, *Época* traz duas indagações: “Por que o crescente poderio bélico de Hugo Chávez é uma ameaça à liderança brasileira; Como o governo Lula está planejando o maior investimento militar desde ditadura”.



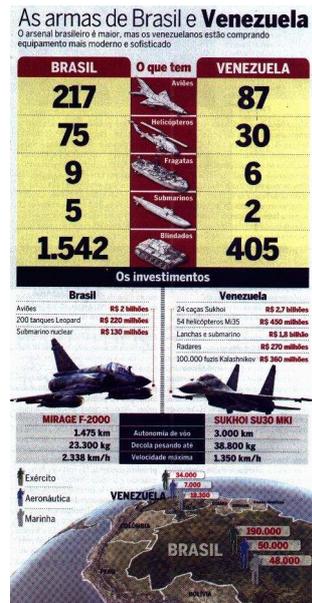
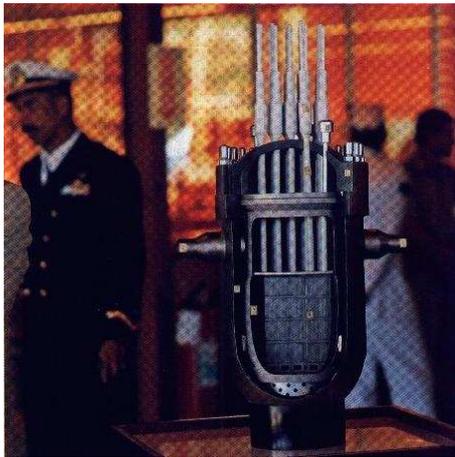
A primeira página (pág. 38) da matéria é ilustrada por foto de Chávez em revista a tropas militares venezuelanas; nas páginas seguintes (40 e 41) é o presidente Lula que passa em revista a tropas, mas essas são as brasileiras que estão em missão de paz no Haiti desde 2002. A foto de Chávez está em perspectiva vertical, demonstrando agressividade e arrogância que caracterizam a figura de um ditador, enquanto Lula, numa foto horizontal, posa como um estadista.



Na página 41 há também uma tabela mostrando que o Brasil possui mais missões de paz do que guerra (até a diagramação foi feita para dar a impressão de que as missões de paz são em maior número).



Nas páginas seguintes, 42 e 43, a revista apresenta uma maquete do reator do submarino nuclear brasileiro, cujo projeto se arrasta desde a década de 70 e um quadro comparando a quantidade de aviões, tanques, submarinos e helicópteros que Brasil e Venezuela possuem, além do valor dos investimentos em armamentos dos dois países. Vale destacar ainda o mapa da América do Sul no qual o Brasil está cercado por nações com conflitos.



Quanto às categorias estudadas podemos enfatizar a heterogeneidade constitutiva e mostrada que aparecem ao longo da matéria. No início do texto a revista afirma que o Brasil há mais de um século não se envolve em guerras e que o continente sul-americano é uma das regiões mais estáveis e desmilitarizadas do mundo. Para corroborar sua afirmação o autor empírico utiliza-se de dados de uma pesquisa, caracterizando um exemplo de heterogeneidade constitutiva:

“Segundo o Stockholm International Peace Research Institute (Sipri), instituto sueco dedicado ao monitoramento de gastos militares, a América Latina é a região do mundo que dedica proporcionalmente menos recursos aos orçamentos de suas forças armadas – 1,4% do PIB regional”.

Já a heterogeneidade mostrada aparece nesse fragmento, no qual o discurso indireto dá voz a Hugo Chávez e assim propor uma idéia de imparcialidade:

“Chavéz diz que está se armando para modernizar equipamentos obsoletos das forças armadas venezuelanas e para se preparar para um eventual ataque dos Estados Unidos, elevados à condição de ‘Grande Satã’ pela retórica barulhenta do presidente da Venezuela”.



Podemos observar ainda várias vozes falando no texto, como a do próprio Hugo Chávez, do Ministro da Defesa do Brasil, de especialistas como cientistas políticos e de um deputado venezuelano. Por sua condição de “formadores de opinião”, podemos dizer que estes são discursos autorizados. No entanto, a revista também se vale de fontes ocultas, ora para negar, ora para confirmar o que outras pessoas já disseram. Como no exemplo a seguir: “Mesmo assim, dois ministros e um governador de estado afirmaram a *Época* que, em foro reservado, Lula diz se preocupar com o fator Chávez na América Latina”.

Assim como *Veja*, *Época* pergunta ao leitor. Mas ao mesmo tempo em que tem a intenção de estimular o interlocutor a pensar, ela o guia para seu raciocínio, através de argumentos apresentados logo após o questionamento: “Estamos diante de um fanfarrão ou de alguém que é preciso levar a sério por seu desejo expresso de se perpetuar no poder?”

Apesar de buscar imparcialidade, *Época* traz uma mensagem velada de apoio à idéia de uma corrida armamentista. Ao mesmo tempo em que alerta quanto ao perigo de Hugo Chávez, ela disfarça negando uma tomada de posição e o clima de ameaça à soberania nacional.

Outro expediente comum tanto em *Veja* como em *Época* é o de dialogismo. Nesse trecho a revista cita um jornal de Brasília:

“Na semana passada, o jornal *Correio Braziliense* revelou que o venezuelano Maximilian Arvelaiz, homem de confiança de Chávez, percorre há quase um mês capitais brasileiras com a missão de organizar a primeira assembléia Bolivariana do Brasil, em dezembro, no Rio de Janeiro. O estatuto do movimento prevê a construção de um ‘poder popular’ e a formação de ‘uma federação socialista latino-americana’”.

No final do texto podemos ressaltar uma contradição do autor empírico do texto quando ele usa o recurso de interpretação, no qual tira conclusões pelo interlocutor:

“Seria uma ingenuidade, no entanto, imaginar que o armamento pesado adquirido por Chávez não tenha sido usado como pretexto pelos militares brasileiros para obter do governo federal mais recursos para as forças armadas.”



E em seguida, em que diz: “Os movimentos de Chávez parecem tê-lo (a Lula) convencido de que a liderança política tem um preço”, num artifício ao que parece para fechar o texto com uma frase de efeito.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

As diferenças entre Veja e Época refletem-se também na distribuição de seu público. Veja costuma deixar bem clara sua posição, que é a de extrema direita, e não esconde em seu discurso. Os leitores estão conscientes disso e estabelecem o contrato de leitura. A Época, por sua vez, procura propor uma idéia de imparcialidade, procuradas pelos seus leitores. No entanto, acaba por passar uma imagem também direitista, porém moderada.

Veja sempre usa um tom pejorativo e preconceituoso ao se referir a Chávez, enquanto Época adota uma postura discreta e neutra. Apesar disso, ambas encontram-se no mesmo espectro de opinião em relação ao presidente da Venezuela. Cada uma valida sua posição através dos muitos recursos estudados pela análise de discurso, e busca convencer o leitor de que está correta.

### **REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, Inesita Soares. “O olhar semiológico” In: **A reconversão do olhar**. (Dissertação de mestrado) Rio de Janeiro: ECO-UFRJ, 1995. 286p.

CHARADEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise de Discurso**. São Paulo: Contexto, 2006

MAGALHÃES, Laerte. **Veja, isto é, leia: Produção e disputas de sentido na mídia**. Teresina: Edufpi, 2003. 158p.